

MANOEL D' ALMEIDA FILHO

Pistoleiro do Amôr



Manoel d'Almeida Filho

PISTOLEIRO DO AMÔR

Vamos entrar no cinema
da mente de um trovador,
na sala da inspração,
numa tela multicolor,
para assistirmos o filme
«Pistoleiro do Amor».

Sentados, a luz se apaga,
na tela como uma bola,
um nôvo jato de luz
tocando no espaço, rola
fazendo abrir as cortinas,
o drama se desenrola . . .

Aparece uma fazenda,
em manhã primaveril,
o sol vem dourando os montes,
céu sem nuvens, côr de anil
uma vivenda bonita
das mais ricas do Brasil.

Ao redor da casa canta
mavioso rouxinol,
alegrando à vaqueirama,
vendo o clarão do arrebol,
festejando com gorjeios
o nascimento do sol.

A fazenda é do major
justo cordeiro Leão,
Esse nome representa
a justiça, a mansidão,
a valentia, a coragem,
moral e compreensão.

Esse dito major era
protetor de criminosos
porém homens que matassem,
em momentos perigosos,
defendendo à própria vida,
mesmo contra os poderosos.

Não gostava de covarde,
de ladrão nem pistoleiro,
desonrador, preguiçoso,
não chegavam no terreiro,
não protegia ninguém
que matasse por dinheiro.

Na sua propriedade
havia todo o respeito;
qualquer um que desonrasse,
em flagrante desrespeito,
ou fugia ou era morto
e ninguém lhe dava gelto.

O major era louvado
pelo seu valor moral,
na sua fazenda não
há um só policial,
lá justo cordeiro era
juiz do seu tribunal.

Em procura da fazenda
quando um criminoso vinha,
perseguido da policia,
botava tudo que tinha,
de forças para chegar
nas fronteiras de Matinha.

Na carreira o criminoso
quando a cancela avistava,
dava um grito: estou valido!
logo uma estaca abraçava,
bastava aquillo, a policia
desanimada voltava . . .

Porém qualquer assassino
na fazenda aparecido,
o major ia saber
o que havia acontecido,
era quando o criminoso
seria ou não protegido.

Só aquêle que matasse
defendendo com razão
à honra, à familia, à vida,
tinha tôda a proteção,
caso contrário o major
ia entregá-lo à prisão.

Certa feita um fazendeiro
querendo ser "o maior",
matou um vizinho seu
pensou levar a melhor,
para roubar e, depois,
foi se valer do major . . .

O major investigando,
soube toda má notícia,
agarrou o criminoso,
numa ocasião propícia,
deu-lhe uma surra e depois
mandou levá-lo à policia.

Outra vez um certo moço,
filho de um rico doutor,
seduziu e pôs na rua
a filha de um lavrador,
depois fugiu acoossado
com medo do promotor.

Foi a casa do major,
parecendo gente boa,
contou tudo quanto fez,
dizendo: a minha pessoa
nunca pode se casar
com uma cabrocha à tãa.

O major disse: está bem,
a sua conversa é bela . . .
não viu que era uma cabrocha
por que foi que abusou dela?
na minha unha você
casa comigo ou com ela! ..

Vá se casar com a moça,
veja logo, acerte o passo,
porque não fazendo assim
saiba bem o que lhe feço:
mando fazer um pandeiro
no meio do seu espinhaço.

O rapaz não quiz conversa
tal cumprir sua missão.
o major Justo era assim
não tinha contemplação
com pistoleiro, covarde,
desonrador nem ladrão.

Entretanto tinha feito
uma promessa de morte,
da boca de uma pistola
dependia a sua sorte,
num duelo onde seria
o vencedor, o mais forte.

Porque suas quatro filhas,
residentes em Matinha,
tres já estavam casadas,
só uma solteira tinha
era Maria da Glória
porém chamada Glorinha.

O major a essa filha
amava de tal maneira
que deseja que a moça
ficasse sempre solteira,
por ser sua secretária
confidente e conselheira.

Por isso ele resolveu,
como que perdendo a bola,
que noivo par Glorinha,
inda sendo o mais frajola,
teria que disputá la
num duelo de pistola.

Todo mundo achava aquilo
ser uma grande loucura,
porém o major dizia:
—cumprirei a minha jura,
quando Glorinha casar,
eu vou para a sepultura.

Em vista disso o major
todos os dias treinava,
uma bôca de garrafa
com cem metros não errava,
arame a grande distancia
com uma bala cortava,

Vamos deixar o major
no seu duro treinamento,
sabermos na sua terra
como era o regulamento,
e como foi que pagou
o seu brutal juramento,

Nas matas da sua terra
nenhum morador caçava,
nos rios e nos açudes
os peixes ninguém pegava,
sômente uma vez por ano
era quando se pescava.

Na quarta feira maior,
na semana da Paixão,
era feita a pescaria
porém com tôda a atenção,
para cumprir o precelto
da santa religião.

Sómente os peixes graídos
nesse dia eram pescados,
e todos os moradores
pelo major eram dados,
nas águas para crescerem
eram os pequenos jogados.

As caças eram demais,
jurití, rôla, namhu,
mocó, cutia, preá,
veado, paca, tatu,
capivara, porco-espinho,
onça, macaco e tejú.

Quanto á caça na fazenda
tinha em todos os lugares,
magotes e mais magotes,
nas estradas, aos milhares,
os passarinhos voando
faziam nuvens nos ares,

O major dizia: eu quero
ver os animais contentes,
na minha terra garanto
todos os seres viventes,
eu protejo os criminosos,
porque não os inocentes?

Porém o destino fez
Ele mudar o caminho,
dominado por Glorinha,
vencido pelo carinho,
consentiu que a moça fôsse
visitar o seu padrinho,

Porém foi em companhia da mãe, dona Soledade muito bem recomendada nos truques da mocidade para ter todo o cuidado com a filha na cidade.

Era a festa do Natal e na casa do padrinho Glória conheceu um moço, por sinal, um bom vizinho, Renato de Souza Lôbo, chamado de Renatinho.

Renatinho era um atleta, gostava de jogar bola, ligeiro que parecia em cada pé ter uma mola, campeão de tiro ao alvo, era doutor na pistola.

Os dois sendo apresentados deu um calafrio nela, e um choque em Renatinho quando apertou a mão dela, sentiu que nesse momento tinha encontrado a «costela».

Com risos e conversinhas, começaram a namorar e dentro de poucas horas conseguiram cimentar um amor desses que só a morte pode acabar.

A moça nesse momento
esqueceu quem era ela,
loucamente apaixonada,
amando, sem pensar nela,
e Renatinho também
topou a «fachada» dela,

Glorinha foi muito alegre
com as filhas do padrinho
para a festa do Natal,
lá encontrou Renatinho,
despreocupadamente
que passeava sozinho.

Os dois frente à frente, foram
os cumprimentos trocados,
com ausencia das moças,
sairam de braços dados,
passeando pela festa
como velhos namorados.

Correram nos carrocéis,
cada um num cavalinho,
ouviram a missa do galo,
beberam aluá e vinho,
Glorinha era uma boneca
nos braços de Renatinho.

A noticia do namoro
como uma bomba explodiu,
a mãe, dona Soledade,
chamou a filha e pediu
que lhe dissesse a verdade,
Glorinha não lhe mentiu.

A mãe disse: minha filha,
você já perdeu a "bola"?
pence na jura do velho,
desgraça a ninguém consola,
porque se seu pai soubre
passa o moço na pistola!

Foi quando Glorinha disse:
—de fato, estava esquecida,
vou dizer a Renatinho
que me esqueça ou se decida,
num duelo de pistola,
matar ou perder a vida.

Chamou Renato e lhe disse:
—eu não quero que se zangue,
entre nós, tudo acabado,
embora que o povo mangue,
é melhor que desistamos
para que não corra sangue.

Meu pai fez uma promessa,
jura que não me consola,
quem quiser casar comigo,
só tendo perdido a "bola",
terá que me disputar
ua bôca de uma pistola.

Quem lôr enlrentar o velho
pode se chamar de defunto,
morador eternamente
na "cidade de pé-junto",
é por isso que devemos
acabar com êsse assunto.

Eu não quero este combate,
não quero que você corra,
não quero que seja morto,
nem que ninguém lhe socorra,
por mim, por você, por Deus,
não quero que meu pai morra.

Renatinho respondeu;
é do lado que eu me deito,
pode dizer a seu pai
que o "negócio" será feito,
porque pelo seu amor,
tôda proposta eu aceito.

Pode informar ao major
que não sou um beija-flor,
sei defender minha honra,
meu caráter, meu valor,
serei, em sua defeza,
"Pistoleiro do Amor".

Glorinha quando chegou,
com o semblante amarelo,
contou ao pai e pediu
que não quisesse o duelo
para que na sua vida
tivesse um futuro belo.

O velho bem carrancudo,
disse: desistir, porque?
nunca serei um covarde,
seu namorado vai vê,
tenho pena desse môço
que vai morrer por você.

Até que no prazo certo,
seguiram para Matinha
Renato, com as testemunhas,
o pai, como lhe convinha,
o juiz, o escrivão,
e o padrinho de Glorinha.

Os planos foram traçados,
com toda diplomacia,
pelo rigor dos duelos,
do tempo da fidalguia,
onde a honra era lavada
com o sangue que corria.

Um sacerdote também
tinha sido convidado
para antes da batalha
canta um ser confessado
porque o que batesse a bota,
estava sacramentado.

Glorinha correu chorando
pedindo para o padrinho
intervir contra o duelo
para salvar Renatinho
da morte porque seu pai
não errava um passarinho.

Renatinho respondeu:
- não tenha medo, querida,
vou defender nosso amor,
a morte não me intimida,
um covarde não merece
ter os prazeres da vida.

Glorinha disse: um delunto
não tem prazer nem conforto,
um barco partido ao meio
não pode chegar ao porto,
mais vale um covarde vivo
do que um valente morto.

Agora foi o major
que respondeu satisfeito:
-gostei de ouvi-lo, rapaz,
seu argumento é perfeito,
tenho pena de matá-lo,
porém não tenho outro jeito.

Renatinho retrucou:
-tem vez que o valente corre,
numa hora decisiva,
quando a sorte não socorre
vez por outra numa luta,
quem pensa que mata, morre.

Assim, na tarde da vespéra,
os dois foram confessados,
para o local da batalha,
à meia-noite levados,
somente pelos padrinhos
e o juiz, acompanhados.

Tudo pronto, as cinco horas
da manhã aconteceu
a luta onde cada um
o seu dever defendeu. .
no disparar das pistolas,
vamos saber quem morreu.

Com todo rigor da plaxe
os dois foram colocados,
de costas um para o outro,
depois de recomendados,
cada um saiu em frente
para os dez passos contados.

Quando o juiz gritou: já!...
rapidamente pararam,
virando-se frente a frente,
as pistolas dispararam,
os padrinhos dos dois lados
com medo os olhos fecharam.

Assim que os dois se viraram
que o estanpido se ouviu,
a pistola do major...
ninguém sabe onde caiu,
Renato cruzou os braços,
olhou o velho e sorriu...

O major sofreu um choque,
até a alma tremeu...
não sabe como a pistola
da mão desapareceu...
ficou procurando em roda,
sem saber onde perdeu.

Ficou rodeando como
quem uma bofetão levou.
dizendo: minha pistola
bateu asas e voou...
não sei onde foi cair.
ou Satanás carregou?.

Renato disse: major,
isso que lhe aconteceu
foi que na sua pistola
a minha bala bateu..
ela disparou nos ares,
voou desapareceu...

Acertei só na pistola,
o senhor não foi ferido,
a sua vida foi salva,
fique certo, convencido,
na pistola sou doutor
com diploma conferido.

O major disse: porém
o meu tiro não saiu,
quando puxei o gatilho,
O braço se sacudiu,
tomei um choque na mão,
só se a pistola explodiu.

Não posso compreender
como foi que se deu isso,
não feri nem fui ferido,
a pistola deu enguiço,
sumiu-se da minha mão
como que por um feitiço

Renato disse: meu velho,
no momento que acertei
na sua velha pistola,
graças a Jesus, salvei
a minha vida e a sua
e mais um premio ganhei.

O senhor ganhou um genro,
a luta não foi perdida,
eu ganhei um sogro e mais
uma noiva tão querida
que será de agora em diante,
a glória da minha vida.

O major disse: está certo,
nada mais tenho a dizer,
o duelo já foi feito,
você conseguiu vencer,
ganhou a mão de Glorinha,
sem matar e sem morrer.

Glorinha quando avistou
os dois vivos no terreiro
da fazenda deu um grito:
-viva Jesus Verdadeiro
que salvou meu pai da morte
e me deu um pistoleiro!

Realizado o enlace,
com tôda pompa e rigor,
houve três dias de festa,
num verdadeiro esplendor,
Renatinho foi chamado:
-“Pistoleiro do amor”.

Assim na luta o major
teveu gongo violento,
Mesmo não sendo ferido
Engoliu o sofrimento,
Isso pelo seu valor
Deu a filha ao vencedor,
Acabou seu juramento.

4446
Procure a Banca de Mano-
el d' Almeida Filho (Entre
o Mercado velho e o Mer-
cado nôvo, calçada do açou-
gue) Aracaju — Sergipe
